

A PROSA MORALÍSTICA PORTUGUESA: A NARRATIVA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CRISTÃ (SÉCULOS XIV E XV).

Marcelo Santiago Berriel
Universidade Federal Fluminense

Os séculos XIV e XV são conhecidos por diversos fatores ora identificados com um declínio da Idade Média, ora com o alvorecer do Mundo Moderno. Majoritariamente, as abordagens se baseiam nos aspectos de crise tanto no campo político como econômico. A maneira como surgiam, neste tempo, formas exacerbadas de expressar a espiritualidade juntamente com o clima de calamidade que parecia reinar na Europa instigam os historiadores a analisar este período profícuo.

Apesar de alguns exageros dos testemunhos da época, é de fato inegável a quantidade de problemas enfrentados pelas pessoas da Europa nos dois últimos séculos da Idade Média. A ofensiva das epidemias mortais com a Peste Negra, o Grande Cisma, chamado o “escândalo dos escândalos”, as cruzadas contra os hussitas, o avanço turco a partir das derrotas de Kossovo (1389) e Nicópolis (1396), apenas para citar os mais expressivos. Alguns homens tentavam encontrar causas globais para as desgraças, uma razão divina que explicasse tamanha calamidade no mundo cristão. Outros simplesmente retratavam seus medos – que, de certa forma, eram medos coletivos¹ – em obras de arte e literatura.

Ao analisar tais caminhos e tendências, na maioria das obras de síntese da época, tem-se a Cristandade como parâmetro. Faz-se necessário, entretanto, comprovar como isto se apresenta em recortes espaciais mais específicos. Centraliza-se aqui o enfoque em Portugal. É preciso, primeiramente, traçar um breve quadro do contexto português no final da Idade Média.

Falar de Portugal, pesquisar sua história nos séculos XIV e XV torna imprescindível que se considere a Revolução de Avis, mesmo que os acontecimentos políticos não sejam o objeto de estudo. Tal revolução é um grande marco na história portuguesa e as diretrizes tomadas pela nova dinastia são objeto de investigação de inúmeros medievalistas, tanto portugueses como brasileiros. Após a consolidação da dinastia no poder, obras de caráter moralizador foram produzidas, inclusive, pelos príncipes de Avis. É o caso, por exemplo, do *Leal Conselheiro*, de D. Duarte, e o *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, do infante D. Pedro, entre outros. São livros para “educar os príncipes, os senhores e, em segunda instância, o comum dos homens, para dar ao reino de Portugal uma coesão política e ética que propiciasse sua ordem e seu desenvolvimento”². É realmente uma nova fase na história do reino português e é neste clima que se encontra o Portugal aqui enfocado.

Os grandes acontecimentos do cenário europeu também tiveram reflexo em Portugal. A Peste Negra, por exemplo, deixou seu rastro na população portuguesa. Suas conseqüências merecem nossa atenção.

São escassas as notícias a respeito do itinerário da Peste em Portugal, de qualquer modo, tem-se 1348 como o ano de sua entrada no reino, durando vários meses até o início de 1349³. Os estragos não foram poucos, ao que parece todas as províncias foram afetadas, tanto no campo como na cidade. Uma verdadeira crise demográfica assolou Portugal e toda a Europa nos séculos XIV e XV. Antes mesmo da entrada da Peste, em 1340, no vale do Mondego, identifica-se uma diminuição nos arroteamentos associada às queixas com relação aos tempos de penúria que a população passava⁴. A Peste Negra, porém, foi o grande “acelerador da crise”.

Alguns focos latentes ainda ocorreram em outros anos. O que interessa é que, com maior ou menor intensidade, atacando parte do reino ou seu conjunto, as ocorrências de Peste sempre dizimavam abundantemente. Fato é que o decréscimo populacional foi sentido e comentado na época.⁵ Além do mais, a expectativa de vida parece ter diminuído consideravelmente. “Alguns pensam que agora vivem os homens menos que viviam em tempo de nossos avós”⁶, escreveu D. Duarte. Considerava-se que após os 35 anos iniciava-se o “outono da vida do homem” e, aos 50, era iniciada a velhice, segundo a teoria daquele rei⁷. Passar dos 70 anos era raro.

Implantando uma nova fase em sua história com a Dinastia de Avis no poder, enfrentando as consequências da Peste Negra, Portugal ainda tinha que tomar partido na questão do Grande Cisma. Tanto Roma como Avignon lutavam por apoio e a adesão de Portugal oscilava segundo as conveniências políticas. O próprio D. Fernando mudou seu apoio constantemente. Primeiro Urbano VI, em 1378, depois Clemente VII, em 1378-81, em 1381-82 apóia novamente Urbano VI e, em 1382-83, volta a apoiar Clemente VII⁸. A partir daí, permanece com a obediência a Roma. Até mesmo dentro do alto clero as opções não eram fáceis nem unânimes. Os bispos dividiam-se e, ao que parece, as adesões não obedeciam a nenhuma razão de ordem geográfica ou econômico-social. Ademais, “... a adesão formal do Rei ou do prelado da diocese ao papa X ou ao papa Y não implicavam necessária nem imediatamente a adesão de todos os bispos ou de todos os altos dignatários. As demoras na comunicação criavam, aliás, problemas insuperáveis no sincronismo das adesões”⁹.

Dentro deste quadro, operavam-se transformações de suma importância nas idéias religiosas. A espiritualidade portuguesa definia mudanças e tendências que, apesar de possuírem suas origens nos fecundos séculos XII e XIII, sofriam as influências do ambiente da época. É importante que saibamos como estas idéias materializavam-se e circulavam.

O sentimento religioso manifesta-se em formas artísticas e literárias que, aos poucos, multiplicam-se em Portugal. Há uma profusão de cultos e motivos que, apesar de não serem totalmente novos, conquistam um grande espaço nos séculos XIV e XV. Os cultos que mais se generalizam são o do nome de Deus, o do Corpo de Cristo e o de Maria; sobretudo este último. O culto de Maria, no século XV, goza de imensa popularidade. O próprio D. João I compõe um *Livro*

das Horas de Santa Maria, além de dedicar a Igreja da Batalha a esta santa¹⁰. O *Virgeu da Consolaçon*¹¹ segue a linha do culto mariano, dissertando sobre os pecados e as virtudes. Esta obra insere-se no conjunto da prosa moralística, assemelhando-se às fontes aqui analisadas. Divide-se em cinco partes ou Livros. O primeiro fala dos pecados mortais. O segundo trata dos vícios que deles nascem, como a presunção, a hipocrisia, cobiça, ingratidão, entre outros. Nos livros seguintes encontramos um verdadeiro tratado sobre as virtudes, com uma nítida hierarquização destas até chegar no quinto e último livro que trata das virtudes *que som pera salvamento da alma*: confissão, penitência, oração, contemplação, louvor a Deus, perseverança, castidade, etc.

Literatura dirigida ao público leigo e revestida de várias formas, vários livros da chamada prosa moralística circulavam em Portugal entre um público muito seletivo: a alta nobreza e, sobretudo, a família real. Dentro deste gênero encontramos, por exemplo, a *Confissão*, ou *Livro do Amante*, de John Gower, obra que ganhou tradução em Portugal por mandado de D. João I¹². Dos originais portugueses, destaca-se o *Orto do Esposo*, de autor desconhecido e encontrado na biblioteca do mosteiro de Alcobaça¹³. Outra obra de autor desconhecido considerada um original português, contemporânea do *Orto do esposo*, é o *Boosco Deleitoso*.

O *Orto do Esposo*¹⁴ é um livro de edificação religiosa que utiliza o processo das histórias exemplares, à maneira do *Calila y Dimna*, do Conde de Lucanor, dos *Canterbury Tales*, etc. O livro foi redigido a pedido de uma freira, irmã do autor – ao que tudo indica, um monge de Alcobaça¹⁵. Cada capítulo termina com uma história extraída das Escrituras, dos *Flos Sanctorum*, dos bestiários ou anedotários históricos. Os “exemplos” vêm na forma de uma exposição doutrinária sistemática, cujos principais temas são o nome de Jesus, a meditação alegórica sobre o *Orto* e sobre a transitoriedade de tudo o que é humano. Esta obra é um dos principais exemplos das tendências de que aqui trato e, devido a uma referência ao interregno como decorrido “poucos anos há”, é datável do início do século XV ou de fins do XIV.

Este tipo de literatura religiosa utiliza um processo muito característico do final da Idade Média: o alegorismo didático, inspirado em fontes diversas. O tema da “luta da alma” entre as virtudes e os vícios está muito presente em tais obras. O *Castelo Perigoso* é um exemplo. Tradução de um original francês intitulado *Le Château Périlleux*, o livro simboliza Maria como um grande castelo muito bem guarnecido; as alegorias são abundantes, como as das pedras preciosas, o alegorismo campestre, etc. Cristina de Pisan também foi traduzida com uma boa circulação em Portugal com a obra *Espelho de Cristina* (originalmente, *Trésor de la Cité des Dames*, ou também conhecido como *Livre des Trois Vertus pour l'enseignement des princesses*). Na biblioteca de Alcobaça havia uma obra no mesmo estilo, o *Espelho da Cruz*¹⁶.

Nesta imensa gama de motivos alegóricos, diversas obras abordaram o tema das visões do Além, inspirado na literatura apocalíptica, em Dante e em seus precursores. Neste âmbito, encontra-se o *Boosco Deleitoso*¹⁷.

Apesar da originalidade da redação, o autor desconhecido do *Boosco* traduz, em grande parte, o *De Vita Solitaria*, de Petrarca (aproximadamente 70 capítulos). No entanto, não se pode considerar tais capítulos como mera tradução do latim petrarquista. As passagens do *Boosco* são, sem dúvida, menos eruditas e mais espirituais, baseadas no ascetismo cristão. Em suas páginas encontramos traços do *Cântico dos Cânticos*, de Dante e outros místicos. Assim como o *Orto do Esposo*, esta obra também teve um bom alcance entre o público leigo.

O texto conta as atribulações da Alma, atormentada pelo pecado, vagueando sem destino até encontrar um guia; apesar de lembrar Dante, é interessante que aqui o guia seja o próprio anjo guardião. Através de um caminho com vegetação espinhosa o Anjo conduz a Alma até as várias virtudes: a Justiça, a Temperança, a Fé, a Esperança, a Caridade, etc. (todas representadas como imponentes donzelas). Somente a Misericórdia decide ajudar a Alma pecadora e defendê-la perante as Escrituras e vários sábios, filósofos e santos numa espécie de tribunal, onde as acusações são feitas pela Justiça e os argumentos são propostos pelos participantes. Figuras como Santo Agostinho, Cícero, Sêneca, S. Bernardo, Santo Tomás, S. Gregório, entre outros, tomam a palavra e discorrem sobre a importância da vida no ermo, a saída para a renovação daquela Alma pecadora. Após aceitar o conselho das virtudes e da assembléia, a Alma passa por um deserto para que possa purgar suas impurezas para, em seguida, desfrutar das belezas do grande monte onde vivencia o gozo da contemplação de Deus. Esta última parte, a visita de Deus, é um grande exemplo da chamada *mística nupcial*, onde Deus é o amado ansiosamente aguardado, passando pelos vários aposentos¹⁸ que compõem a Alma, até chegar no leito definitivo.

A semelhança que possui com o *Orto*, além de lhe ser contemporâneo, faz com que ambos sejam considerados de um mesmo autor; hipótese esta um tanto difícil de ser comprovada. O que importa é que estes dois livros possuem basicamente as mesmas influências e demonstram uma presente admiração pelo poeta Petrarca. Se somarmos a isso o fato de existirem obras místicas deste autor no fundo alcobacense, pode considerar-se que o poeta florentino exerceu, tal como na lírica cortesã, influência no meio clerical.

Obras de conteúdo moralizante, obras que propõem a renovação, o arrependimento e a penitência; mais ainda, dão a fórmula para a vida nova e consciência tranqüila, onde o medo dos tormentos do inferno não mais existirá, onde a conturbação dos séculos XIV e XV e a proximidade com a morte deixam de ser um motivo para a incerteza, pois tudo que é humano e material é transitório. Desta forma, a prosa moralística traz como principal objetivo o caminho para a Salvação. Tal literatura fala à pessoa, aquela alma atormentada, como a que aparece nas páginas do

Boosco Deleitoso. A Salvação é resultado de uma transformação interior, é a idéia de Salvação individualizada figurando nas páginas de obras religiosas que alcançam o público leigo. Estes nobres, reis e monges que folhearam tanto o *Orto* como o *Boosco* tomaram contato com um modelo que crescia gradativamente nos finais da Idade Média. São estas duas obras portuguesas o objeto da análise desta pesquisa.

Como o modelo de salvação é a principal preocupação do *Orto do Esposo* e do *Boosco Deleitoso*, a partir dele foram encontrados os rumos para solucionar os principais questionamentos da pesquisa. Mediante a análise de conteúdo, classificou-se temas relacionados aos vetores de identificação que pudessem constatar o indivíduo e como este se identifica enquanto cristão.

Considerando o *Orto do Esposo* como produção alcobacense, pode-se afirmar que o discurso moralizador de Alcobaça propunha um modelo de salvação que reconhecia o indivíduo como categoria social. Apesar de reconhecer o indivíduo, o clero alcobacense tenta controlá-lo submetendo-o à vontade divina e imputando normas que conduzem seu cotidiano. Constata a possibilidade de escolha, a responsabilidade individual e a singularidade do homem – noções debatidas no pensamento cristão medieval – ao mesmo tempo em que doutrina o indivíduo segundo os preceitos morais que regulam a comunidade cristã.

Através destes preceitos foi possível delinear a identidade cristã presente nas fontes. Para o clero alcobacense, ser cristão é resignar-se perante os males do mundo, ser humilde reconhecendo sua incapacidade diante dos desígnios divinos, não ter motivos para rebelar-se pois, mesmo com as agruras, deve manter-se firme no propósito de salvação da alma. Como a felicidade não é deste mundo, pois tudo que nele existe é efêmero, cabe ao cristão trabalhar sua espiritualidade com obediência e afinco. Diante das diversas crises que, assim como em outras partes da Cristandade, assolam Portugal, o clero regular decide empreender uma doutrinação que, mesmo com o caráter consolador, não prescinde do controle. No mesmo período de tempo em que o *Orto do Esposo* foi provavelmente composto, o Mestre de Avis mantinha estreitas relações com o mosteiro de Alcobaça. Além disso, os príncipes da nova dinastia que se consolida no poder também produzem obras de caráter moralizador, civilizador. O discurso alcobacense estava, de certa maneira, condizente com os objetivos controladores da coroa portuguesa.

Outra característica da época estudada consiste no crescente interesse dos leigos pela prática do sagrado. Estes começam a possuir objetos pessoais de devoção e a ler a literatura religiosa. O clero, por sua vez, preocupa-se no que fazer perante esta tendência que, gradativamente, se consolida em vários pontos da Cristandade. Que obras os leigos irão ler? Quais temas, ao doutriná-los, serão priorizados? Optou-se em evitar assuntos demasiadamente complexos, explicações místicas que, mesmo entre teólogos, geravam polêmica. O que os leigos liam dizia respeito à prática das virtudes, à devoção privada, à imitação de Cristo. As obras da *devotio moderna*

convidavam os fiéis à mudança de atitudes, a uma vida mais virtuosa, identificada com o maior modelo que os cristãos possuíam: Jesus Cristo.

O *Orto do Esposo*, assim como o *Boosco Deleitoso*, mantém uma aproximação com as obras da *devotio moderna*, embora não seja exatamente um exemplar desta corrente. Ambas as fontes possuem temas em comum com a *Imitação de Cristo*, por exemplo. Mas o interessante é que, em meio a este contexto onde os leigos tomam um maior contato com as práticas do sagrado, as fontes em questão propõem uma identidade cristã que valoriza a separação clérigo/leigo. Considerando, principalmente, o *Orto do Esposo*, pode-se concluir que o clero alcobacense provavelmente escreveu visando o leigo, mas ao doutriná-lo, ao dizer a ele o que era preciso para ser um verdadeiro cristão, enfatiza o exemplo dos religiosos e afirma que a vida devota não pode ser alcançada por todos. Ao invés de traçar uma identidade que englobasse toda a comunidade cristã, preferiu-se acentuar certas diferenças que separam os simples fiéis dos detentores do sagrado. Afinal, o clero tem a posse da Sagrada Escritura, esta fonte privilegiada para obter-se a salvação.

Doutrinar desta maneira foi, ao que tudo indica, uma das ações do mosteiro de Alcobaça diante das mortes provocadas pelas epidemias, do aumento do interesse leigo pela religiosidade e do novo quadro político que se consolidava.

Esta investigação proporcionou uma reflexão dentro do campo da história cultural. A análise a respeito de um tipo de discurso religioso não deixou de considerar as diferenças entre grupos sociais distintos e as relações entre eles. A ideologia de um determinado grupo veicula uma identificação generalizante, mas também uma relação de poder, onde o parâmetro de identidade não deixa de enfatizar a separação e a hierarquia entre grupos. Existem várias correntes e caminhos completamente distintos na história cultural, mas o objetivo aqui foi considerar que a abordagem dos aspectos culturais não pode prescindir de fatores como ideologia e relações de poder.

¹ Sobre as dificuldades e possibilidades de transpor um sentimento individual, como o medo, para as coletividades, cf. DELUMEAU, Jean. “Introdução.” In: *História do Medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp. 22-31.

² SODRÉ, Paulo Roberto. “A Virtuosa Compilação do infante D. Pedro e Frei João Verba.” In: : MONGELLI, Lênia Márcia (org.) *A Literatura Doutrinária na Corte de Avis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 57.

³ MARQUES, A. H. de Oliveira. *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*. Lisboa: Editorial Presença, 1987. p. 20.

⁴ MARQUES, A. H. de Oliveira. *Ibid.* pp. 19-20.

⁵ MARQUES, A. H. de Oliveira. *Ibid.* pp. 21-22.

⁶ D. DUARTE. *Apud.* MARQUES, A. H. de Oliveira. *Ibid.* p. 22.

⁷ MARQUES, A. H. de Oliveira. *Ibid.* pp. 22-23.

⁸ MARQUES, A. H. de Oliveira. *Ibid.* p. 378.

⁹ MARQUES, A. H. de Oliveira. *Ibid.* p. 379.

¹⁰ SARAIVA, António José. *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 1998. pp. 86-87.

¹¹ VEIGA, Albino de Bem. *Virgeu de Consolação*. BA: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

¹² SARAIVA, António José. *Op. cit.* p. 91.

¹³ SARAIVA, António José. *Ibid.* p. 109.

¹⁴ MALER, Bertil. *Orto do Esposo*. Vol. I – texto crítico. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.

¹⁵ Após traçar uma pequena evolução das teorias sobre a autoria da obra, Raul Cesar Fernandes nos diz que “tudo o que se pode afirmar acerca do autor do *Orto do Esposo* é que ele foi provavelmente monge de grande cultura, pois manuseava com familiaridade uma vasta biblioteca de obras latinas, e que viveu em Alcobaça na passagem do século XIV para o XV”. FERNANDES, Raul Cesar Gouveia. “A Pedagogia da alma no *Orto do Esposo*.” In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.) *Op. cit.* p. 57.

¹⁶ SARAIVA, António José. *Op. cit.* p. 92.

¹⁷ MAGNE, Augusto. *Boosco Deleitoso*. Vol. I – texto crítico. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950.

¹⁸ Posteriormente, Tereza d’Ávila os chamaria “as moradas”. Cf. SARAIVA, António José. *Op. cit.* p. 94.